

## **O QOLLASUYU RECONSTRUÍDO A PARTIR DO CIBERESPAÇO**

Celso Gestermeier do Nascimento

Universidade Federal de Campina Grande

celsogest@ig.com.br

O século XXI está abrindo um incrível leque de possibilidades de estudos para as Ciências Sociais, na medida em que a tecnologia se desenvolve rápida e constantemente. Todos os dias nos deparamos com um artefato novo, na maioria das vezes incompreensível à primeira vista, mas que exige de nós um esforço constante para decifrá-lo. Ou seja, queiramos ou não, somos obrigado a acompanhar o progresso tecnológico.

Manoel Castells, num trabalho denso publicado há dez anos no Brasil <sup>1</sup> foi um importante autor a chamar a atenção para o que batizou de Sociedade Informacional, caracterizada por um modo de desenvolvimento informacional <sup>2</sup>, no qual a tecnologia liga-se à geração de conhecimento e informação, causando-lhe preocupação no sentido de que o crescimento desenfreado da mídia poderia interferir no “princípio de representatividade política”, alterando as regras do jogo político e as relações entre o Estado e a sociedade. Ou seja, nesse novo tempo a possibilidade real da manipulação política através da mídia poderia colocar em xeque a própria democracia, sistema político duramente conquistado em muitos países.

Entretanto, o autor também nos adverte para o fato de que a mídia pode ser vista como um espaço contraditório, por necessitar de uma aparência de “isenção” ou de “neutralidade” para poder cumprir com seus objetivos, ou seja, se ela interfere no jogo

político também o faz sob certos limites e regras, para não colocar em risco sua própria eficácia. No entanto, com o desenvolvimento da tecnologia da informação o computador tornou-se paulatinamente uma ferramenta essencial nessa nova sociedade, fazendo com que a informação flua através da internet numa verdadeira teia, ou “rede” de informação. E aqui, abre-se a possibilidade de uma contra-ofensiva da sociedade civil e de movimentos sociais contra essa “mídiação” da nova sociedade pois, criada para servir aos interesses de um estado democrático, mas militarizado – nos Estados Unidos<sup>3</sup> - a internet escapou de seu reduto, ganhou o mundo e criou seu próprio lugar – o ciberespaço – no qual as possibilidades de interação são infinitas e onde também o controle torna-se quase impossível.

Nesse sentido, Manoel Castells aponta para o ousado do ciberespaço no sentido da construção de uma “identidade de resistência” ou de uma “identidade de projeto”, que geralmente se articulam no sentido de transformar “resistências comunais” em “sujeitos transformacionais”, valorizando elementos “antiquados” como o senso de reciprocidade e solidariedade. E não podemos também esquecer que tal processo se dá sob o pano de fundo do projeto de globalização econômica que vem afetando muitas sociedades:

Quando o mundo se torna grande demais para ser controlado, os atores sociais passam a ter como objetivo fazê-lo retornar ao tamanho compatível com o que podem conceber. Quando as redes dissolvem o tempo e o espaço, as pessoas se agarram a espaços físicos, recorrendo à sua memória histórica. Quando o sustentáculo patriarcal da personalidade desmorona, as pessoas passam a reafirmar o valor transcendental da família e da comunidade como sendo a vontade de Deus. (CASTELLS, 1999b, p. 85)

No entanto, o autor declara-se céptico no sentido de que a Comunicação Mediada por Computador – CMC – pudesse vir a tornar-se um meio de comunicação geral, a atingir uma imensa massa de analfabetos de muitos países pobres do mundo, e que ela ajudaria a reforçar os padrões sociais já pré-existentes na sociedade.

Nesse sentido, face ao “pessimismo” de Castells com o uso revolucionário da internet, podemos opor o pensador Pierre Lévy, para quem o desenvolvimento da informação, corporificado pelo espaço cibernético é visto como positivo. A lógica de funcionamento de redes substituiria a mídia clássica, levando ao mundo da interatividade, caracterizada pela relação de TODOS e TODOS, o que levaria à constituição de uma Inteligência Coletiva através do ciberespaço, já que agora o leitor é que passa a dar sentido ao texto, no que ele chama de “desterritorialização dos textos”: “É como se todos os textos fizessem parte de um texto, só que é o hipertexto, um autor coletivo e que está em transformação permanente”. (LEVY<sup>a</sup>)

Trata-se da criação de um espaço do saber vivo e dinâmico – o ciberespaço – local da realização da cibercultura: “Essa universalidade desprovida de significado central, esse sistema da desordem, essa transparência labiríntica, eu a chamo o “universal sem totalidade”. Constitui a essência paradoxal da cybercultura”. (LÉVY<sup>b</sup>). Exxa seria a base da formação de uma sociedade tecnodemocrática para Lévy, o espaço da interação geral que possibilitaria o progresso humano ao incentivar o intercâmbio de idéias irrestrito, a expansão contínua de fluxos de informação e da Inteligência Coletiva.

Em suma, esses dois autores nos possibilitam pensar e valorizar o ciberespaço enquanto realização de muitos projetos de sociedade e, sobretudo, de projetos alternativos de sociedade. Sem nos iludirmos com o otimismo de Lévy e nem nos assustarmos com o monstro midiático dos novos tempos preconizado por Castells, concordamos com os autores de que nesse momento vivemos uma nova fase da sociedade humana, marcada pela valorização e respeito da diversidade em contraposição a um projeto globalizador que tenta impor um modelo ocidental para todo o mundo.

Através do ciberespaço podemos encontrar infinitas propostas alternativas a esse modelo, Nesse espaço propomo-nos a pensar uma dessas propostas: o dos aymara bolivianos. Eles chamaram a atenção do mundo quando em dezembro de 2005 as eleições presidenciais na Bolívia apontavam para a vitória do também aymara Evo

Morales. Entretanto, o movimento não se encerra com essa eleição, pois eles continuam atuando na busca da re-construção de uma sociedade perdida: o Qollasuyu, que seria a parte aymara do império inca de antes da conquista espanhola. Nossa reflexão em cima de sites mantidos pelos aymara é sentido de tentar entender como eles ainda vêm a possibilidade de reconstruir um mundo secular, só que valendo-se da rede de informação mundial – internet – para esses propósitos. Ou seja, a modernidade tecnológica é usada para se re-construir um projeto de sociedade há muito desaparecida mas que, mais do que uma utopia, é vista como uma possibilidade real, como um projeto a ser implantado através da articulação dos militantes aymara em torno de seus sites.

Um documento importante que marca a luta em função da criação de um novo Estado, o Qollasuyu, foi publicado em 18 de dezembro de 2002, a respeito do Primer Encuentro Indígena, realizado em Cuzco, no qual os aymara desconhecem a autoridade de países como Bolívia, Peru, Chile, Argentina, Paraguai e Uruguai, pois para eles são apenas terras roubadas dos povos originários e batizadas como “Repúblicas”. Da mesma forma, dentro desses países deve-se desconhecer estados, províncias, departamentos etc e adotar a divisão administrativa baseada em ayllu, marka, laya e suyu, advindas do período pré-colonial. Para ser cidadão qollasuyano é preciso exercer uma função que se volte ao benefício de todos, aprender a falar pelo menos três idiomas – incluído ao menos um indígena – apresentar um sinal cultural qollasuyano, embora seja possível ser um estrangeiro nacionalizado.

Entretanto, tal cidadania não é estática, ou seja, também deve ser construída:

Chimpu 23.- Todo quollasuyano está obligado a la educación integral en base a nuestra cultura, ciencia y tecnología propia y la utilización de la ciencia y tecnología occidental para nuestros intereses, que se imparte principalmente a partir de la familia a través del idioma indígena y luego paralelamente en los idiomas o REGIMEN CULTURAL DEL QOLLASUYU. (Publicado em 18 dez 2002. Disponível em <http://www.qollasuyu.indymedia.org/es/2002/12/2.shtml>. Acesso em 23 out 2008)

Também estabelecem símbolos do Qollasuyu, como a wiphala – bandeira quadriculada - e outros, tais como puma, jaguar, ankonda , folhas de coca, o hino “El Condor Pasa”; ficando também marcadas as autoridades:

TABELA 1: Relação de autoridades aymara em cada região geográfica.

<b>AUTORIDADE</b>	<b>REGIÃO GEOGRÁFICA</b>
Jilaqata	Ayllu
Mallku	Marka
Kuraca	Laya
Kinka	Suyu

As autoridades têm a obrigação de possuir família, experiência e honestidade e, fundamentalmente, a trabalhar:

Chimpu 43.- Cada qollasuyano está obligado a trabajar rotativamente en el altiplano, luego en el valle, yungas, selva e incluso en la costa, distribuyendo su tiempo de trabajo por meses y por años. También trabajarán un tiempo en trabajos laborales, y en otros momentos en trabajos intelectuales y relativamente en el campo y en la ciudad. Nadie se debe estatizarse en su sola forma de trabajo. (Publicado em 18 dez 2002. Disponível em <http://www.qollasuyu.indymedia.org/es/2002/12/2.shtml>. Acesso em 23 out 2008)

Isso merece uma pequena reflexão: em primeiro lugar, remetendo a uma antiga obrigação das comunidades – ayllus – do império inca, de enviar colonos a todos os outros pisos geológicos – litoral, vales, altiplano – para complementar sua economia. Eram os chamados Mic Mac, que periodicamente trocavam produtos com os ayllus de origem, numa economia de complementaridade. Outro aspecto levantado é que as atividades de cada pessoa devem se alternar entre trabalhos manuais e intelectuais sem

que haja uma concentração em um só tipo de trabalho. Essa preocupação aparece também na criação de escolas e universidades aymara, conforme discutiremos posteriormente. Tal percepção busca criar cidadãos o mais semelhantes possível entre si e é uma tese que já foi muitas vezes retomada por pensadores marxistas e, de certa forma, embasou a visão de Mariátegui, a caracterizá-la como “comunismo inca”.

Ao mesmo tempo em que os aymara tentam criar o Qollasuyu, precisam combater o “modo estrangeiro de ser”, seus símbolos, forma de administração política, heróis nacionais, sistema educacional etc, e, caso não seja possível, deve valer-se de todos os recursos possíveis para resistir e usar a favor da “República Intígena” o conhecimento adquirido do estrangeiro. Aqui encontramos uma citação surpreendente, pois é a corporificação daquilo que James Scott chama de “off stage”, ou seja, é um discurso oculto que, como poucas vezes acontece, torna-se explícito assumido enquanto estratégia de luta, sem se preocupar em ser descoberto:

Chimpu 55.- Si al qollasuyano se le ha impuesto por fuerza y amenaza las leyes neoliberales, nacionalistas y colonialistas en general debe simular su relación con ellos, luego debe usar su dinero, infraestructura y proyectos para volcarlos para nuestros intereses de independencia y soberanía, también debe convertir la alcaldía provincial en un poder local para restaurar la LAYA y debe relacionarlos con otras Layas para consolidar paulatinamente la República originaria e indígena. (Publicado em 18 dez 2002. Disponível em <http://www.qollasuyu.indymedia.org/es/2002/12/2.shtml>. Acesso em 23 out 2008)

Esse documento é bastante rico para nossas reflexões, a Revolução Índia explicita as táticas de resistência que devem ser implementadas até sua vitória final:

Chimpu 58.- debemos incrustarnos a la alta oficialidad del Ejército, en la cúpula mayor de la iglesia, en las altas jefaturas de los partidos políticos, en los altos cargos de las instituciones del Estado y los no gubernamentales, para informarnos de la política colonialista del Estado boliviano, y con esa información y experiencia debemos advertir del peligro inminente en contra de los indígenas del campo y de las ciudades. (Publicado em 18 dez 2002. Disponível em <http://www.qollasuyu.indymedia.org/es/2002/12/2.shtml>. Acesso em 23 out 2008)

Trata-se de utilizar todas as estruturas da sociedade branca contra ela mesma – inclusive a Internet – penetrar em todas as instituições: Exército, Igreja, Partidos Políticos, Instituições Estatais, Parlamento, governo etc e, se possível, assumir a presidência<sup>4</sup>. A citação anterior chega a ser chocante por sua sinceridade e, de certa forma, retoma a linha de análise de Edward P. Thompson ao falar da “turba” que enfrenta a Economia de Mercado na Inglaterra do século XVII, mas que agora rompe com o discurso oculto que James Scott analisou, partindo para um projeto explícito de enfrentamentos, revolucionário<sup>5</sup>.

E ainda o projeto do novo Estado prevê quase toda forma de ação militante

Chimpu 59.- Toda mujer casada, soltera, divorciada, abandonada y viuda debe tener más de cuatro hijos, para mantener vivo a nuestra población, cultura y territorio y se debe luchar contra toda política de control de natalidad, club de madres, alimentos de regalo transgenicos y otros que solo buscan reducir y exterminar a la población indígena, para posibilitar migraciones europeas, y apoderarse de nuestro territorio y usufructuar nuestros recursos naturales. (Publicado em 18 dez 2002. Disponível em <http://www.qollasuyu.indymedia.org/es/2002/12/2.shtml>. Acesso em 23 out 2008)

Há aqui um importante elemento de mobilização de identidades que se radicaliza e que vale a pena ressaltar: se a atuação sindical via CSUTCB foi muito importante na luta camponesa e aglutinou como um “guarda-chuvas” outros movimentos sociais da sociedade boliviana, como anteriormente na metade do século passado havia realizado a COMIBOL, agora no século XXI a etnicidade ressurgiu como uma força mobilizatória talvez nunca vista antes na história latino-americana, pois o que impressiona é que os próprios atores tem clara noção da força de seu movimento:

Es evidente que en los últimos tiempos se ha visto el crecimiento cualitativo importante de los Pueblos y Naciones originarias del continente. Creo que los distintos pueblos indígenas, hoy en día, en los diferentes Estados y Naciones de esta región, su presencia es innegable, nos hemos constituido en un actor fundamental dentro de las sociedades nacionales, estamos y estaremos siempre presentes. (MACAS & YATIYAWI, 2007)

Cientes de sua força política no momento atual, os aymara defendem a interculturalidade como forma de convivência com outros povos e nações:

Al hablar de Interculturalidad es necesario reconocer que las culturas que se van a encontrar, tienen la misma fuerza y el mismo valor: la moderna y la india.

Si solo se va a pretender enseñar a los niños de los pueblos originarios las ideas occidentales en nuestras lenguas maternas, es un grave error, que esta condenado al fracaso (...) pero si van a hablarnos de Interculturalidad, lo primero que deben hacer es acercarse a nuestra cultura, verla desde nuestros ojos, aprender a respetarla y luego mostrarnos la suya, que pueden estar seguros, no tendremos el menor temor en aceptar lo positivo de ella, a fin de continuar haciendo vida... como siempre lo hemos hecho. (Disponível em <http://www.qollasuyu.indymedia.org/es/2003/07/200.shtml>. Acesso 15 out 2008)

A Revolução Índia parte do pressuposto que se deve re-indianizar os aymara que foram influenciados pelos costumes brancos e, a partir daí, seguros de sua cultura, eles poderão partir para uma convivência com as outras, inclusive a branca, mas contanto que a diversidade seja respeitada, algo que não aconteceu nem no período colonial e nem no processo de constituição da república boliviana. No futuro isso deverá ser diferente:

Otro elemento fundamental en el que debemos estar claros en el proceso de la interculturalidad, es que, los valores, principios, conocimientos, sabiduría de nuestros pueblos no solamente deben ser recuperados y archivados, sino que deben ser ofrecidos como un aporte desde nuestros pueblos a la sociedad en su conjunto en función de cambio, como elementos sustanciales de un planteamiento alternativo. (Publicado em 04 jun 2007. Disponível em <http://www.katari.org/archives/diversidad-y-plurinacionalidad>. Acesso 24 dez 2008)

Eles estabelecem passos a serem cumpridos até que a interculturalidade se torne realidade. Num artigo do site [www.qollasuyu.indymedia.org](http://www.qollasuyu.indymedia.org) que trata de um documento discutido num evento realizado na Guatemala em 2007: II Encuentro Continental de Pueblos y Nacionalidades Indígenas de Abya Yala, foi inclusive traçado um calendário de atividades e objetivos a serem alcançados. A previsão da Revolução

chega a ser exagerada, com datas previstas para cada evento ocorrer <sup>1</sup> pelos próximos cem anos, ou seja, até os 600 anos da chegada de Colombo ao continente. Comentemos brevemente essas fases, com a máxima fidelidade ao texto original;

De 1992 a 2002, realizou-se o início do Pachacuti – a nova era – através de reflexões acerca do colonialismo europeu e dos Estados Nacionais latino-americanos, promovendo a re-emergência dos movimentos nacionais indígenas. De 2003 a 2007 deu-se a reaproximação entre diferentes povos de culturas originárias, criando-se espaços de articulação entre eles; de 2008 até 2012 é o tempo de se criar uma proposta de transição histórica, de criação de uma sociedade intercultural; entre 2013 e 2017 deverão começar a ser postos em prática projetos integrados para transformar estruturalmente a nova sociedade e combater o modelo econômico dos Estados Unidos; de 2018 a 2022 deverá ocorrer o fim do “sistema colonial republicano”, assim como dos Estados Unidos em prol de regimes pluralistas que, supomos, devem ser os de respeito à individualidade de nações originárias; de 2023 a 2027 haverá a emergência dos Estados Andinos e de sociedades interculturais no resto do continente; de 2028 a 2032 haverá a eliminação de antigos resquícios de práticas sócio-culturais da colônia; de 2033 até 2042 surgirão os novos estados do novo continente, o TAWA INTI SUYU e de novas correntes econômicas mundiais, embora eles não especifiquem o que sejam elas; de 2043 a 2092 ocorrerão as comemorações por cem anos de progresso comunal – desde o marco que foi 1992 – e a crise do sistema de economia de mercado.

Mas a Revolução não termina nesse período, e as previsões se estendem até o século XXV:

AÑO 2093 AL 2142- Fin de la era cristiana, y proceso de re configuración cultural, en distintos hemisferios del planeta. Eclósion masiva de nuevas sociedades de proceso sostenible.  
AÑO 2143 AL 2192- Eliminación total de las injusticias sociales. Proceso de conversión tecnológica. Reversión progresiva de los niveles de

---

<sup>1</sup> Além do fato de sugerir uma nova configuração geográfica para nações originárias que empreenderia uma reorganização dos territórios dos atuais países: Venezuela, Colômbia, Equador, Peru, Bolívia, Paraguai, Uruguai, Argentina e Chile.

contaminación ambiental, Celebración de los 200 años de transitar el tiempo favorable del Pacha Kuti AÑO 2193 AL 2492- Auge de tecnologías sanas y equilibrio ambiental, paz y justicia social, entre los habitantes de este planeta, armonía espiritual. AÑO 2493 En Adelante Exploración y aprovechamiento de nuevos yacimientos y recursos naturales de planetas próximos. Evitar el surgimiento de nuevas tecnologías, que provocarían un riesgo de extinción de muchas formas de vida y formas de poder que nos conduzcan al desequilibrio social. PROPUESTA GEOPOLITICA TAWAINTISUYU ABYA YALA COMUNIDAD QOLLASUYU TAWA INTI SUYU, 09.10.2006 19:08 (Disponível em <http://www.qollasuyu.indymedia.org/es/2006/10/2965.shtml> Acesso 15 out 2008)

Veamos, portanto, o radicalismo do projeto revolucionário, prevendo o fim da era cristã, das injustiças sociais, das tecnologias perniciosas ao meio ambiente e a emergência de um mundo de harmonia social e espiritual. Ou seja, o projeto supera em muito as formas de resistência estudadas por muitos autores, que deixou de ser implícita para vir à público com um verdadeiro cronograma de atuações bem planejadas que já se encontram em realização.

## NOTAS

<sup>1</sup>Ver Referências Bibliográficas no fim.

<sup>2</sup> Para Castells o modo de desenvolvimento agrário é substituído pelo industrial e esse, pelo informacional.

<sup>3</sup> Referimo-nos ao fato da internet surgir como um instrumento controlado por militares nos Estados Unidos, como auxílio de emergência em caso de ataque militar.

<sup>4</sup> Isso também se refere ao uso do pensamento marxista, da experiência sindical de organização etc.

<sup>5</sup> Ver referências dos autores adiante.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CASTELLS, Manuel. **A era da Informação: economia, sociedade e cultura.** (Vol.1: A Sociedade em Rede). São Paulo: Paz e Terra, 1999a

CASTELLS, Manuel. **A era da Informação: economia, sociedade e cultura.** (Vol.2: O Poder da Identidade). São Paulo: Paz e Terra, 1999b.

CASTELLS, Manuel. **A era da Informação: economia, sociedade e cultura.** (Vol.3: Fim de Milênio). São Paulo: Paz e Terra, 1999c

---

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo, Editora 34, 1999.

LÉVY<sup>a</sup>, Pierre. **A Emergência do Cyberspace e as mutações culturais**. Conferência proferida em USINA DO GASÔMETRO, Festival de Arte e Cultura, outubro de 1994. Disponível em <http://caosmose.net/pierrelevy/conferencias/>. Acesso em 02 set 2008.

LÉVY<sup>b</sup>, Pierre. **O Universal sem Totalidade, Essência da Cibercultura** Disponível em <http://www.compsociedade.hpg.ig.com.br/pierre/univ1.htm>. Acesso em 02 set 2008

LÉVY<sup>c</sup>, Pierre. **Previsões Otimistas sobre o Futuro da Humanidade** Disponível em <http://www.compsociedade.hpg.ig.com.br/pierre/terra.htm>. Acesso em 02 set 2008

MACAS, Luis A. & YATIYAWI, Akhulli) **Diversidad y Plurinacionalidad**. Publicado em 4 jun 2007. Disponível em <http://www.katari.org/archives/diversidad-y-plurinacionalidad>. Acesso 24 dez 2008)

SCOTT, James C. Afterword to “Moral Economies, State Spaces and Categorical Violence”. In **American Anthropologist** – vol. 107, issue 3, September 2005. University of California Press.

\_\_\_\_\_. Formas cotidianas da resistência camponesa. In **Raízes**, Campina Grande, vol.21, nº 01, p. 10-31, jan/jun 2002.

\_\_\_\_\_. **Los dominados y el arte de la resistencia**. México: Ediciones Era, 2000.

\_\_\_\_\_. **The Moral Economy of the Peasant: rebellion and subsistence in southeast Asia**. New Haven and London, Yale University Press, 1975.

\_\_\_\_\_. **Weapons of the weak: everyday forms of peasant resistance**. New Haven: Yale University Press, 1985.

THOMPSON, Edward P. A economia moral da multidão inglesa no século XVIII in **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998b, p. 150-202.

\_\_\_\_\_. Economia Moral Revisitada in **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998c, p.203 – 266.

\_\_\_\_\_. Patrícios e Plebeus. In **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998a. p. 25-85.

\_\_\_\_\_. **Senhores & Caçadores: a origem da Lei Negra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987b.

\_\_\_\_\_. El Delito del Anonimato. In **Tradición, Revuelta y consciência de Clase: estúdios sobre la crisis de la sociedad preindustrial**. Barcelona: Grupo Editorial Grijalbo, 1979. p. 173-238.

Sites Pesquisados:

<http://www.katari.org/>

<http://www.willka.net/>

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES  
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:  
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES  
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

---

ISSN 2176-4514

<http://qollasuyu.indymedia.org/>

<http://geocitites.com/consejoquilla/castellano/castellano.htm>